

CHARLES DICKENS

OBRA RECOMENDADA
Leitura
Autônoma
2.º ciclo

UM CÂNTICO DE NATAL

Tradução de
Paulo Tavares

Prefácio da escritora
Maria do Rosário Pedreira



Índice

| | |
|---|-----|
| Prefácio de Maria do Rosário Pedreira | 7 |
| Prefácio do autor | 13 |
| Estrofe I <i>O Fantasma de Marley</i> | 15 |
| Estrofe II <i>O Primeiro dos Três Espíritos</i> | 49 |
| Estrofe III <i>O Segundo dos Três Espíritos</i> | 79 |
| Estrofe IV <i>O Último dos Espíritos</i> | 119 |
| Estrofe V <i>O Fim de Tudo</i> | 147 |

Prefácio

Ter ou ser?

A investigação científica evoluiu muitíssimo desde que o escritor Charles Dickens escreveu este livro que começaste agora a ler. E, acredites ou não, entre essas conquistas, encontram-se estudos profundos na área da Psicologia sobre o que faz realmente alguém feliz. Ora, posso desde já adiantar que ter montes de dinheiro e montes de coisas não está entre os motivos que contribuem para a felicidade. De facto, ser altruísta e generoso, praticar o bem, ajudar quem precisa, sorrir aos outros, ouvir um desabafo de alguém que está triste, pedir desculpa por algo que se disse ou fez — isto, sim —, são ações que fazem mais pela felicidade do que a maior fortuna deste mundo. (É por isso, aliás, que há cada vez mais gente a fazer voluntariado, ainda não tinhas reparado?)

Porém, tal como Dickens desconhecia os estudos que acima referi (ele nasceu em 1812 e estas conclusões só foram tiradas na segunda metade do século xx), também Ebenezer Scrooge, o temível avaro que é o protagonista de *Um Cântico de Natal*, não tem a mais pequena ideia de que acumular dinheiro de forma cega e doentia só o vai deixar cada vez mais isolado. E quem é que consegue ser feliz completamente sozinho?

O que torna esta novela de Dickens tão especial é que, apesar de terem passado quase duzentos anos sobre a data em que foi escrita (em 1843, calcula!), a sua mensagem continua assustadoramente atual (e universal, porque em todo o lado há pessoas a agir como ele). Numa época como a nossa, em que somos bombardeados a toda a hora com publicidade e tentados a possuir inúmeras coisas supérfluas (e a história contada neste livro decorre no período do Natal, que é quando o consumismo atinge os níveis máximos!), Dickens diz-nos claramente que o que *temos* é muito menos importante do que o que *somos*; e que o dinheiro, ao contrário do que muita gente imagina, pode ser um autêntico veneno.

Ele sabia bem do que falava, pois foi a ganância que virou a vida da sua família do avesso; o pai esbanjou o que tinha e o que não tinha em coisas que, afinal, não

eram essenciais e acabou preso por dívidas, levando a que o pobre Charles tivesse de abandonar a escola aos 10 anos para ir para uma fábrica onde as crianças se matavam a trabalhar, mas recebiam uma ninharia como salário.

De resto, foi provavelmente um desses patrões quem inspirou a personagem de Scrooge — o septuagenário sovina que obriga o seu escrivão a bater o dente de frio (só para poupar no carvão) e a sair tardíssimo do escritório na véspera de Natal, mesmo sabendo que a família o espera em casa para a consoada; o mesmo Scrooge que recusa o convite do sobrinho para se juntar à ceia nessa noite, afirmando que o Natal é «um absurdo», que só serve para gastar dinheiro e que «todos os idiotas que andam para aí a desejar “Feliz Natal” deviam ser cozidos com o próprio pudim e enterrados com uma estaca de azevinho espetada no coração». Caramba, que tipo amargo, não achas?

Um homem assim — que, além de forreta, é ingrato e desagradável com quem ainda mostra estima e respeito pela sua pessoa — precisa, claro, de uma lição; mas, podes ficar descansado, vai tê-la! Começa por ser avisado pelo espírito do seu falecido sócio — o pobre Marley (condenado a vaguear pelo mundo, arrastando uma pesada corrente por ter sido tão ganancioso em

vida como Scrooge) — de que receberá a visita de três assombrações nas noites que aí vêm; e que deverá segui-las e ver o que lhe mostram com toda a atenção, pois ainda está a tempo de corrigir o seu comportamento, caso contrário acabará como ele, com um pesado castigo por toda a eternidade.

As três criaturas fantasmagóricas, cada uma com as suas características físicas específicas, são dignas de descrições notáveis capazes de nos pôr de cabelos em pé! (Dickens é de facto muito competente no seu ofício, e o seu talento para tornar tudo tão visual explica porque *Um Cântico de Natal* deu origem a dezenas de adaptações ao cinema e à televisão.) Ora, esses fantasmas — que chegam à meia-noite, encontrando invariavelmente o velho Scrooge deitado na cama à espera deles — levá-lo-ão aos natais do Passado, do Presente e do Futuro; e nós, evidentemente, iremos atrás deles, curiosíssimos, para nos inteirarmos do que foi, é e será a vida do mais somítico protagonista da literatura universal.

Com o primeiro espírito, compreenderemos, por exemplo, como os problemas de perseguição e abandono dos colegas de escola e a rejeição do pai de que Scrooge foi vítima na infância podem de algum modo justificar o adulto seco e frio que se tornou. Mas nem isso serve para desculpar que tenha preferido enriquecer a casar-se com

uma noiva que o adorava mas não tinha posses — algo que causará tremendos remorsos à nossa personagem —, nem que trate da pior maneira possível o seu funcionário, quando foi o contrário que lhe aconteceu na altura em que não passava de um simples aprendiz.

Com o segundo espírito, Scrooge será obrigado a ver como todos estão tão animados e alegres no Natal presente, ouvindo música, dançando, trocando presentes e pregando partidas (e também dizendo mal dele); mesmo o seu escrivão, aquele a quem paga um salário vergonhoso, tem uma família amorosa e solidária que o consola e abraça; e, além disso, pode deliciar-se naquela noite com um ganso gordo e um belo pudim enfeitado com azevinho (até apetece dizer: bem feito!), enquanto ele treme de frio em casa e está completamente só no prédio silencioso.

A terceira e última assombração, que esconde o rosto num capuz e veste de negro dos pés à cabeça (e provoca arrepios, juro!), arrastará o velho avarento até ao Natal futuro, revelando-lhe uma surpresa horrível, para o ensinar que, à hora da morte, ricos ou pobres, somos todos iguais.

Alarmado com o que viu (e ouviu) nestas três viagens, Scrooge acordará, enfim, na sua cama como quem desperta do pior pesadelo possível para uma hipótese de redenção. Será que, a partir daqui, vai arrepender-se

do que fez (e do que não fez, como dar uma esmola a um pobre que nessa manhã lhe oferecera um cântico de Natal) e mudar para sempre a sua maneira de ser? Hum... Para o saberes, tens de ler esta história até ao fim e — garanto-te — vale mesmo a pena!

Vivemos tempos de violência, indiferença em relação ao próximo, ódio aos imigrantes que procuram uma vida minimamente decente em países desenvolvidos. E, não duvides, há por aí muita gente como Scrooge: «[...] pecador, extorsionista, ganancioso, unhas de fome, somítico, mesquinho e invejoso!» As maiores fortunas do planeta estão nas mãos de apenas uma dezena de pessoas; e a soma dessas fortunas é um valor incalculável que ultrapassa todo o resto do dinheiro do mundo. Ora bem, se nenhuma dessas pessoas será capaz de gastar todo o dinheiro que tem até morrer, então porque continua a amealhar como o velho Scrooge, em vez de ajudar quem passa fome e vive na miséria? É por isso que se torna quase uma obrigação ler *Um Cântico de Natal*. A sua lição é fundamental para nos mostrar que um pequeno gesto pode fazer toda a diferença e, assim, contribuir para a felicidade de quem o faz. Tenho a certeza de que vais dar-me razão assim que termines a leitura desta preciosidade.

Maria do Rosário Pedreira

Prefácio

Neste pequeno livro fantasmagórico, esforcei-me por criar o Espírito de uma Ideia que não deixasse os meus leitores indispostos consigo próprios, uns com os outros, com a quadra ou comigo. Que ele assombre agradavelmente as suas casas e que ninguém o deseje pousar.

O seu fiel Amigo e Servidor,
C. D.

Dezembro de 1843.

Estrofe I

O Fantasma de Marley

Para começar, Marley estava morto. Não há a menor dúvida quanto a isso. O registo do enterro foi assinado pelo clérigo, pelo escrivão, pelo agente funerário e pelo principal enlutado. Scrooge assinou-o. E o nome de Scrooge era uma garantia sólida para tudo aquilo em que ele escolhesse pôr a mão.

O velho Marley estava mortinho da silva, tão morto como um prego numa porta.

Reparem: não quero com isto dizer que sei, por conhecimento próprio, o que há de particularmente morto num prego numa porta. Talvez até me inclinasse a considerar um prego num caixão a peça mais morta no mercado das ferragens. Mas a sabedoria dos nossos antepassados reside na analogia; e as minhas mãos

profanas não a devem adular, caso contrário a nação ficaria em apuros. Permitam-me, portanto, que repita, enfaticamente, que Marley estava tão morto como um prego numa porta.

Scrooge sabia que ele estava morto? Claro que sim. Como poderia não saber? Scrooge e Marley foram sócios durante não sei quantos anos. Scrooge era o seu único executor testamentário, o seu único administrador, o seu único mandatário, o seu único legatário universal, o seu único amigo e o único que chorou a sua morte. Mas Scrooge não ficou tão terrivelmente abatido com o triste acontecimento que não pudesse continuar a ser um excelente homem de negócios no próprio dia do funeral, solenizando-o com uma indiscutível pechincha.

A referência ao funeral de Marley leva-me de volta ao ponto de partida. Não há dúvida de que Marley estava morto. Este facto tem de ser bem compreendido, ou nada de maravilhoso poderá resultar da história que vou contar. Se não estivéssemos perfeitamente convencidos de que o pai de Hamlet morrera antes do início da peça, não haveria nada de mais extraordinário no facto de ele dar um passeio à noite pelas suas muralhas, envolto num vento de leste, do que haveria em qualquer outro cavalheiro de meia-idade que surgisse precipitadamente, depois de escurecer, num local ventoso —

como, por exemplo, o adro da Catedral de São Paulo —, só para espantar o fraco espírito do seu filho.

Scrooge nunca chegou a apagar o nome do sócio. Anos mais tarde, ainda ali permanecia, sobre a porta do armazém: «Scrooge & Marley». Era assim que a empresa era conhecida. Por vezes, quem era novo no negócio chamava Scrooge a Scrooge e, outras vezes, Marley, mas ele respondia por ambos os nomes. Na verdade, tanto lhe fazia.

Oh, mas Scrooge era um avaro que trabalhava sem descanso! Um velho pecador, extorsionista, ganancioso, unhas de fome, somítico, mesquinho e invejoso! Duro e afiado como uma pederneira, da qual nenhum aço conseguira alguma vez arrancar um fogo generoso; misterioso, fechado em si mesmo e solitário como uma ostra. O frio que havia dentro dele congelava-lhe as feições envelhecidas, crestava-lhe o nariz pontiagudo, enrugava-lhe o rosto, endurecia-lhe o andar, avermelhava-lhe os olhos, azulava-lhe os lábios finos e manifestava-se com astúcia na sua voz áspera. Uma camada de gelo cobria-lhe a cabeça, as sobrancelhas e o queixo rijo. Trazia sempre consigo esta sua baixa temperatura, que gelava o escritório nos dias de canícula¹ e não aumentava nem um grau no Natal.

¹ Dias de canícula refere-se a períodos de muito calor. [N. T.]

O calor e o frio exteriores tinham pouca influência sobre Scrooge. Não havia calor que o aquecesse, nem tempo invernosos que o esfriasse. Nenhum vento que soprasse era mais cortante do que ele, nenhuma neve que caísse era mais obstinada no seu propósito, nenhum temporal se revelava mais impenetrável. O mau tempo não estava à altura dele. A chuva forte, a neve, o granizo e a geada só podiam gabar-se de ter vantagem sobre ele num único aspeto. Muitas vezes «caíam» de forma graciosa, e Scrooge nunca fez tal coisa.

Jamais alguém o parou na rua para, com ar alegre, lhe dizer: «Meu caro Scrooge, como está? Quando é que me vem visitar?» Nenhum mendigo lhe implorava o que quer que fosse, nenhuma criança lhe perguntava as horas, nenhum homem ou mulher lhe pediu, em toda a sua vida, indicações para este ou aquele lugar. Até os cães dos cegos pareciam conhecê-lo; e, quando o viam aproximar-se, puxavam os donos para entradas e pátios, abanando depois a cauda como se dissessem: «Meu cego dono, mais vale nenhum olhar do que um mau-olhado!»

Mas Scrooge pouco se importava! Na verdade, até preferia que assim fosse. Abrir caminho pelos apinhados cursos da vida, avisando toda a simpatia humana para se manter à distância, era aquilo que os entendidos consideravam ser a «loucura» de Scrooge.

Certa vez — de todos os bons dias do ano, este era véspera de Natal —, o velho Scrooge encontrava-se muito atarefado no seu escritório de contabilidade. Estava um tempo frio, deprimente e cortante, muito enevoado, e ele conseguia ouvir as pessoas no pátio lá fora, a arfa-rem de um lado para o outro, a baterem com as mãos no peito e os pés nas pedras da calçada para se aquecerem. Os relógios da cidade tinham acabado de dar as três horas, mas já estava bastante escuro — não hou-vera luz o dia inteiro —, e as velas bruxuleavam nas janelas dos escritórios vizinhos, assemelhando-se a manchas rubras na espessa atmosfera acastanhada. O nevoeiro entrava por todas as frestas e buracos das fechaduras, e era tão denso lá fora que, apesar de o pátio ser dos mais estreitos, as casas em frente pareciam meros espectros. Ao ver a nuvem baça cada vez mais baixa e próxima, escurecendo tudo, poder-se-ia pensar que a Natureza vivia ali muito perto e que fermentava algo em grande escala.

A porta do escritório de contabilidade de Scrooge estava aberta para que ele pudesse controlar o seu escrivanô, que copiava cartas num escuro e pequeno compartimento em frente, uma espécie de cubículo. Scrooge dispunha de um pequeno lume aceso, mas o do escrivanô era tão minúsculo que parecia uma única brasa.

Além disso, este não podia reabastecê-lo, porque Scrooge guardava a caixa de carvão no seu próprio espaço; e, sempre que o escrivão entrava com a pá, o patrão avisava-o de que teriam de o partilhar. Por isso, o escrivão acabou por pôr o cachecol de lã branca e tentou aquecer-se na chama da vela, objetivo que, por ser um homem de fraca imaginação, não conseguiu alcançar.

— Feliz Natal, tio! Deus o abençoe! — gritou uma voz alegre.

Era a voz do sobrinho de Scrooge, que se aproximou dele tão repentinamente que este foi o primeiro sinal da sua chegada.

— Bah! — disse Scrooge. — Um absurdo!

O sobrinho de Scrooge ficara tão afogueado com a rápida caminhada por entre o nevoeiro e a geada que todo ele brilhava: o rosto surgia bonito e rosado, os olhos cintilavam e a respiração fumegava.

— O Natal, um absurdo, tio? — perguntou o sobrinho de Scrooge. — Não está a falar a sério, pois não?

— Estou, sim — respondeu Scrooge. — Feliz Natal! Que direito tens tu de estar feliz? Que razões tens para ficares feliz? És tão pobre.

— Ora bem — devolveu o sobrinho alegremente. — Que direito tem o tio de estar triste? Que razões tem para ficar rabugento? É tão rico.

Scrooge, não encontrando resposta melhor no calor do momento, voltou a dizer:

— Bah! Um absurdo.

— Não se zangue, tio! — pediu o sobrinho.

— Como posso eu não me zangar — disse o tio —, se vivo num mundo cheio de tolos? Feliz Natal! Fora com o Feliz Natal! O que é o Natal senão uma época para pagar contas sem ter dinheiro; uma época para percebermos que estamos um ano mais velhos, mas nem uma hora mais ricos; uma época para fazer o balanço das contas e verificar que cada parcela, ao longo de todos os doze meses do ano, apresenta valores negativos? Se fosse feita a minha vontade — disse Scrooge, indignado —, todos os idiotas que andam para aí a desejar «Feliz Natal» seriam cozidos com o seu próprio pudim² e enterrados com uma estaca de azevinho espetada no coração. Seriam, pois!

— Tio! — suplicou o sobrinho.

— Sobrinho! — devolveu o tio com severidade. — Vive o Natal à tua maneira e deixa-me vivê-lo à minha.

— Vivê-lo! — repetiu o sobrinho. — Mas o tio não o vive.

² *Christmas pudding*, no original, é a sobremesa tradicional da consoada inglesa.
[N. T.]

— Deixa-me então não o viver — disse Scrooge.
— E que muito bem te faça ele! Muito bem te tem feito!

— Atrevo-me a dizer que houve muitas coisas que me fizeram bem sem que delas retirasse lucro — disse o sobrinho. — Entre elas, o Natal. Além da veneração devida ao seu nome e à sua origem sagrados, se é que algo que lhe diga respeito possa estar separado disso, sempre pensei na quadra natalícia como uma época boa. Uma época bondosa, indulgente, caridosa e agradável. A única época que conheço, no longo calendário do ano, em que os homens e as mulheres parecem, de comum acordo, abrir livremente os seus corações fechados e pensar nos que se encontram abaixo deles como sendo realmente companheiros de viagem até à sepultura, e não outra espécie de criaturas com destino a diferentes paragens. E, por isso, tio, embora nunca me tenha posto uma moeda de ouro ou prata no bolso, acredito que o Natal me tem *feito* bem e que me continuará a *fazer* bem. E digo: bendito seja!

De modo inadvertido, o escrivão no cubículo aplaudiu. Apercebendo-se imediatamente da inconveniência, atçou o lume e acabou por extinguir para sempre a última e frágil brasa.

— Se ouvir um outro som *seu* — disse Scrooge —, festejará o Natal sem emprego! És, sem dúvida, um

grande orador — acrescentou, virando-se para o sobrinho. — Até admira que não estejas no Parlamento.

— Não se irrite, tio. Deixe-se disso! Venha jantar connosco amanhã.

Scrooge disse que efetivamente iria vê-lo, mas à distância. E levou a ideia ainda mais longe, dizendo que o preferia ver do outro lado a ir jantar com eles.

— Mas porquê? — gritou o sobrinho. — Porquê?

— Porque é que te casaste? — perguntou Scrooge.

— Porque me apaixonei.

— Porque te apaixonaste! — resmungou Scrooge, como se esta fosse a única coisa no mundo mais ridícula do que um Natal feliz. — Tem então uma boa tarde!

— Não, tio. A verdade é que nunca me veio ver antes do meu casamento. Porque é que ele agora lhe serve de razão para não vir?

— Tem uma boa tarde — disse Scrooge.

— Não quero nada do que lhe pertence. Não lhe peço nada. Porque não podemos ser amigos?

— Tem uma boa tarde — repetiu Scrooge.

— Lamento, de todo o coração, que se mostre tão irredutível. Nunca tivemos nenhuma desavença, pelo menos que eu tivesse instigado. Em homenagem à época, tentei uma aproximação, e vou manter o meu espírito natalício até ao fim. Portanto, um Feliz Natal, tio!

Um clássico de Charles Dickens que continua a ser apreciado por várias gerações de leitores.

Ebenezer Scrooge é um homem rico, sovina e insensível às necessidades dos outros. Numa véspera de Natal, quadra que ele não aprecia, recebe a visita do fantasma do falecido sócio, Jacob Marley, e de outros três fantasmas — o do Natal Passado, o do Natal Presente e o do Natal Futuro — que o levam a refletir sobre a sua vida e a daqueles que o rodeiam.

Uma obra que aborda os temas da compaixão, da generosidade e da importância dos laços familiares, denunciando problemas sociais como a exploração laboral e a indiferença em relação aos mais desfavorecidos.

Uma história inesquecível, escrita com humor, sensibilidade e mestria, que não deixa ninguém indiferente. Algumas personagens permanecem connosco muito depois de fecharmos as suas páginas, como o avarento Scrooge, o sobrinho Fred ou o Pequeno Tim.

«A sua lição é fundamental para nos mostrar que um pequeno gesto pode fazer toda a diferença e, assim, contribuir para a felicidade de quem o faz. Tenho a certeza de que vais dar-me razão assim que termines a leitura desta preciosidade.»




in Prefácio de Maria do Rosário Pedreira

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

13+

ISBN 9789897879906



9 789897 879906 >